

A PEDRA FORMOSA DE BRITEIROS, FORMOSA PEDRA DA VIDA

Contribuição para o estudo de uma forma
construída da cultura castreja

THE BEAUTIFUL STONE OF BRITEIROS, BEAUTIFUL STONE OF LIFE

Marta Oliveira

*Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, CEAU-FAUP, Portugal
moliveira@arq.up.pt*

ORCID | 0000-0002-0718-5170

Carla Garrido de Oliveira

*CEAU-FAUP, Portugal
coliveira@arq.up.pt
ORCID | 0000-0001-5854-6397*

RESUMO

A *Pedra Formosa de Briteiros* é interpretada à luz das formas simbólicas esculpidas no plano, como uma fachada, questionando o seu significado em comparação com outras “pedras formosas” e objetos encontrados nestes monumentos dos Castros. Neste artigo, as observações respeitam ao grupo de edificações distribuídas na região de Minho e Douro, na frente atlântica, que têm sido interpretados como banhos ou saunas, eventualmente (mais recentemente) no contexto de um rito de renascimento de guerreiros. Propomos uma nova hipótese: os monumentos teriam uma função associada à maternidade e ao parto, seriam como ‘maternários’ ou ‘casas de nascimento’. O uso destes espaços seria funcional e ritual, num fundo mitológico; a sua implantação na paisagem é significativa em relação com lugares marcantes do território e dos povoados, e a composição arquitetural dos casos conhecidos denota uma analogia antropomórfica. Esta hipótese dá visibilidade e destaca a representação social da mulher e o papel vital da maternidade, e da fertilidade e vida geradores da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura Castreja | Banhos ou sauna | Ornamento | Casa do nascimento

ABSTRACT

The *Pedra Formosa of Briteiros* is explained in light of the symbolic forms sculpted on the surface, like a facade, and its meaning is discussed in comparison with other “beautiful stones” and objects found in these monuments of the Castro settlements. The observations made in this article pertain to the group of buildings located in the region of Minho and Douro, facing the Atlantic Ocean, which have been interpreted as baths or saunas, and more recently, considered within the context of a warriors’ rite of rebirth. We propose a new hypothesis: the monuments would have a function associated with maternity and childbirth, they would be like ‘maternity houses’ or ‘birthing houses’. The use of these spaces would be functional and ritualistic, against a mythological background; their implantation in the landscape is significant in relation to outstanding places of the territory and settlements, and the architectural composition of the known cases denotes an anthropomorphic analogy. This hypothesis makes visible and highlights the social representation of woman and the vital role of motherhood, fertility and life in engendering a community.

KEYWORDS

Hillfort culture | Iron Age saunas | Ornament | Birth house

INTRODUÇÃO

No âmbito da produção material da Cultura Castreja do Noroeste Peninsular, os monumentos pétreos actualmente considerados como edificações para banhos e sauna, com uso termal eventualmente associado a função iniciática de guerreiros, são aqueles que mais discussão têm suscitado no que concerne à interpretação da sua finalidade e cronologia. Desde os primeiros achados e pelas continuadas escavações arqueológicas, não apenas os lugares de implantação e a força das suas massas, espaços e formas, mas sobretudo os enigmáticos símbolos patentes na singularidade das suas pedras formosas, nomeadamente no grupo meridional de Minho e Douro, têm impulsionado estudos e variadas interpretações do seu sentido, com o reconhecimento de características e diferenças tipológicas existentes entre os dois grandes grupos do Noroeste peninsular, distinguindo áreas regionais, uma mais a norte e cantábrica, e outra meridional, de Minho e

Douro. O estudo destes monumentos prossegue envolvendo um debate sobre vias de investigação a seguir, além daquelas inerentes ao campo da arqueologia, englobando arqueometria e procedimentos científicos de datação por radiocarbono. São assinaláveis as diferenças entre o que será o rigor de um conhecimento assente em metodologias de estudo da materialidade, considerando aspetos de funcionalidade, admitindo estudos tipológicos e morfológicos, e análise formal de decoração, à luz da história da arte; e o que poderá ser uma abertura de horizontes estimulante, atendendo a abordagens de outras áreas disciplinares, considerando formas de inserção dos monumentos no território, numa arqueologia da paisagem; verificando ideias e novas teorias em confronto com a particularidade e estudo empírico em que se segmenta a construção de um possível conhecimento generalizado; e levando a uma reorganização do há muito conhecido.

BREVE NOTA SOBRE O ESTADO DE CONHECIMENTO

Ainda antes do final do século XVII, em data que se desconhece, a *Pedra Formosa* de Briteiros surge reconhecida como objeto com valor histórico e *monumento*. É retirada do seu lugar de origem e levada para uma quinta, em Santo Estêvão de Briteiros; passa depois para o adro da igreja da freguesia, onde já se encontra exposta em 1718. Sucedem-se notícias sobre pedra denominada *Formosa*. É tida como uma *ara* e procedia de um sítio, no alto da Citânia, a nascente – uma “cova”, onde estivera “posta ao alto” (Craesbeeck Ms. 1726, apud Silva, 1876, 9: 136). Já no último quartel do século XIX, o arquitecto e arqueólogo Joaquim Posidónio Narciso da Silva (1876, 9: 136-138) retoma a notícia setecentista e analisa a pedra, em pormenor, concluindo que teria sido uma estela funerária. Por sua vez, Hübner (1878; 1879) defende que a pedra deveria constituir o frontão de uma entrada (in Cardoso, 1947: 22-23). No decurso do intenso debate coevo surgem diferentes opiniões. Durante alguns decénios,

prevalece a ideia de que a *Pedra Formosa* formaria um plano horizontal, um altar ou mesa de sacrifícios, ou um *accubitus* (Cabré [1922] apud Cardoso [1928-1929], 1994: 89-91), talvez destinado a um rito de fertilidade, tendo em consideração a notação esquemática de linhas aproximada à representação de uma figura humana feminina. Se a interpretação da *Pedra Formosa* tinha motivado desencontradas opiniões, não menos variadas são as hipóteses colocadas relativamente à edificação em que tinha estado integrada. A descoberta do segundo monumento oferece uma imagem arquitectural, todavia, muitas e desencontradas continuam a ser as opiniões relativamente à finalidade da edificação, dependendo do valor atribuída às partes e elementos que a compõem, envolvendo água e fogo, a condição de hipogeu, a entrada diminuta e a decoração. A edificação deteria uma função sacral, ou seria um santuário de culto de águas (Sarmento [1881] 1933); ou seria um monumento funerário associando o

espaço, porventura, um ritual de cremação de mortos (Vasconcelos, 1913; Cardoso [passim], 1994; Garcia y Bellido, 1968; Tranoy, 1981) (seriam aventadas outras funções utilitárias de produção cerâmica, ou de forno de pão). No que se refere às estruturas castrejas, no espaço aproximadamente de Minho e Douro, a hipótese de função termal como balneário e sauna surge nos anos 50, e consolida-se nas sínteses efetuadas por Almeida (1973; [1974] 1975) e Silva (1983, 1983-1984, 1986). Obtido um consenso alargado, a interpretação como edificações de banho e sauna permanece até à atualidade enquanto opinião de autoridade, sustentada nomeadamente por Ríos González (2000, 2017). Na argumentação aduzida prevalece uma visão funcional e utilitária das edificações. Embora os banhos pudessem envolver um ritual, a sua função não se coadunaria com um carácter religioso, pelo que o aspeto sacral da temática decorativa das “pedras formosas” estaria longe de ser garantido (Almeida [1974], 1975: 23). Os banhos seriam uma versão indígena das termas romanas, e o espólio encontrado remetia para uma fase final de utilização em época romana (Almeida, *ibidem*; Silva, 1986: 60), um entendimento partilhado por Ríos González (2000, 2017). “O termalismo castrejo é uma das manifestações mais singulares dos horizontes de ocupação castreja roma-

nizados”; trata-se de um “particular processo de simbiose, pelo qual conceitos de procedência alóctone foram adaptados e levados à prática com recursos propriamente castrejos” (Idem, 2017: 121).

Todavia merecem atenção os resultados sobre a cronologia de certas saunas setentrionais, cantábricas, obtidos por meio de radiocarbono, que implicam uma datação pré-romana (ainda não são conhecidas semelhantes prospeções relativamente a saunas meridionais). Tais dados poderiam suscitar a reconsideração crítica de um nível de generalização de conclusões sobre uma cronologia dos ‘balneários’, estabelecido com base em espólios encontrados, correspondentes a últimas fases de utilização associadas à romanização. Estudos recentes prosseguidos por García Quintela sobre arqueologia da paisagem, aspetos etnográficos, sociais, e de religião e mito (2013) têm entrado em consideração com a recuperação de um horizonte de referências indo-europeias, e uma atenção a aspetos de cultura de La Tène. Neste âmbito, o autor apresenta uma proposta inovadora recente, de interpretação dos edifícios de banhos e sauna como monumento ‘sauna-útero’ e casa dos homens (em analogia com certas comunidades tribais), um espaço de uso ritual iniciático para guerreiros (García, 2016).

IDEIA PARA UMA NOVA INTERPRETAÇÃO

Neste trabalho apresentamos uma ideia sobre a edificação dita para banhos e sauna aparentemente convergente com a interpretação de García Quintela, ainda que, a nosso ver, seja distinta e tenha sido elaborada com outras referências. Colocamos à consideração a possibilidade de os monumentos castrejos com “pedra formosa”, em particular aqueles da área de Minho e Douro, na vertente atlântica, deterem uma função associada à maternidade, ao parto e ao nascimento. O uso destes espaços seria funcional, sob um fundo mitológico, e seria reservado essencialmente à mulher, num processo ritual de trazer à luz e receber, para a vida, a criança. O seu lugar seria significativo no território, numa complementaridade de relações da comunidade marcadas na paisagem.

Reconhecendo quanto a hipótese depende do concurso de outras áreas científicas, e admitindo a possibilidade de erro, expomos a proposta de leitura com o sentido de uma interrogação. Se, no estudo e revisão do conhecimento, e na observação dos referidos monumentos forem atendidos e relacionados certos aspetos, poderia ser válida a hipótese de função colocada à consideração? Procederemos na exposição da hipótese, considerando os seguintes pontos: 1. Elementos de Composição e Ornamento da *Pedra Formosa*; 2. O Monumento com a Função de Banhos e Sauna como ‘*Maternário*’, Uma Casa de Maternidade e Nascimento; e Uma reflexão final.



Fig. 01 Briteiros, Pedras Formosas

- (a) Briteiros 1 (2019©CGO-PAP)
- (b) Briteiros 2 (© E. Caldas, edição da Sociedade Martins Sarmento)
- (c) Briteiros 1, pormenor (2019©CGO-PAP)
- (d) Briteiros 2, pormenor (2019©CGO-PAP)

1. ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO E ORNAMENTO DA PEDRA FORMOSA

Ao longo do tempo, várias linhas de interpretação dos monumentos ditos sauna e da *Pedra Formosa*, em particular, mostram quanto a ideia sobre a finalidade do edifício e o seu uso condicionam a atenção conferida a diferentes partes. Embora se observe uma progressiva acuidade na observação, ao mesmo tempo, fruto de uma

distinta valorização de elementos, foram sendo deixados à margem certos pormenores anteriormente registados.

Revisitámos sucessivas interpretações mais antigas da Pedra Formosa de Briteiros, observando pormenores descritos e relendo as desencontradas hipóteses aventadas, que tinham sido relegadas para segundo plano, considerando o consenso estabelecido sobre a função dos monumentos como balneário-sauna. A decoração da Pedra Formosa mereceu atenta descrição, representação em desenhos e interpretações comparativas, desde finais do século XIX (Silva, 1876; Sarmento [1898], 1933:

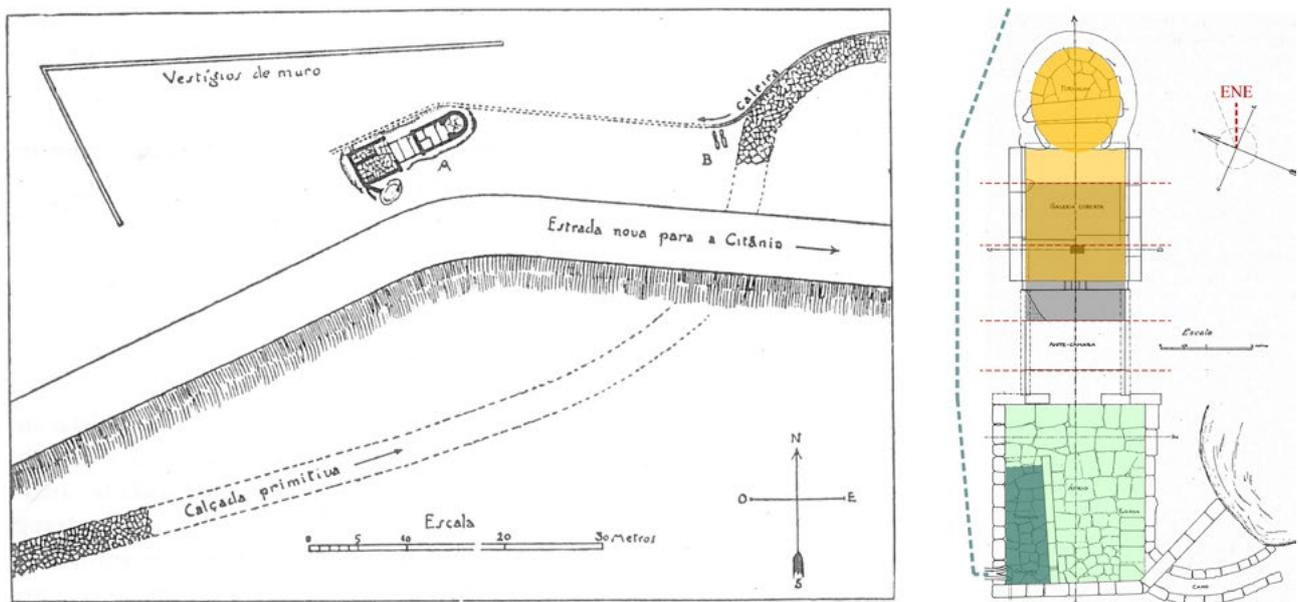


Fig. 02 Briteiros 2, posição e orientação: quatro elementos

(a) Planta topográfica do local do monumento (Cardoso [1931-32] 1994, l:99) | (b) Planta do monumento (Cardoso [1931-32] 1994, l:104); veja-se o penedo genesiaco, à direita do pátio (notas gráficas 2018©CGO)

434-435); Cardoso [1928-1929], 1994: 74-82). As linhas de inquérito continuariam com atenção a decoração de arquitetura doméstica e cerâmica (Silva, 1986: 63); elementos e princípios de desenho geométrico de contexto romano, nomeadamente em mosaicos (um nível de estudo comparativo que beneficia da forma sistemática como se encontram ordenados elementos e formas de ornamento e decoração romanos); uma afinidade de certos motivos das pedras formosas com petróglifos da região Galaica, e expressões de plástica indo-europeia (García, 2016); e bem assim elementos de análise e sintaxe de formas (García; Santos, 2015; Silva, 2019).

Numa aproximação metodológica a uma (re)interpretação da Pedra Formosa de Briteiros seguimos dois princípios de leitura: uma leitura arquitectónica do plano, e uma leitura dos elementos de ornamento, considerando a sua inter-relação na composição do plano. Constituem elementos arquitecturais da forma da pedra a apresentação de uma imagem de casa: o recorte *tectiforme* (Ruy Serpa Pinto [1930] apud Cardoso [1931-1932], 1994: 125, n.28) na frente, e a porta a demarcar um limiar/passagem. Existe uma constante de medida, na relação entre as partes: a proporção definida entre cobertura e parede denota uma relação invariante de espaço vital de habitar – uma ideia elemental de *casa*. Salvaguardando a diferença de escala, bem cedo a

pedra formosa 1, por força da sua forma e elaborada ornamentação, foi relacionada com peças *monumento*, e com uma figura particular de estelas funerárias, em forma de casa ou de cabana, com uma cavidade inferior assinalando a porta, estudadas por Emile Linckenheld ([1927] apud Cardoso [1934], 1994: 157-158; 162-163). A pedra surgia assim como um plano simbólico, carregado de significados. Todavia, de modo enigmático, não era frontaria da edificação, mas um plano mediador de difícil leitura, numa sequência de espaços interiores, como foi possível compreender, aquando da identificação do segundo 'balneário' de Briteiros, em 1930 (Cardoso [1931-32], 1994).

Ressaltam na organização do plano da Pedra Formosa, ainda antes de considerarmos os elementos de ornamento e figuração significativa, definidores da composição, dois campos recortados, com uma textura semelhante a uma malha. Martins Sarmiento ([1898], 1933: 434-435) entenderia aquela decoração como uma expressão ornamental comparável à arte micénica ou a decoração estilizada, com influência de ornamentos arcaicos do Mediterrâneo oriental e greco-romanos. Henri Mayeux (189: 67, 76-77, n. 19, 80) e Mário Cardoso ([1931-1932], 1994: 79-82) apontariam a afinidade com princípios de desenho geométrico de mosaicos romanos.



Fig. 3 Briteiros 2, conjunto visto de nascente e pormenor da guarda do tanque – com desgastes, em arco rebaixado –, em linha decrescente (2018©MMPAO)

“uma série de profundos desgastes, em arco rebaixado, fazendo prever que ali se afiaram ou poliram, por muito tempo, quaisquer instrumentos, naturalmente instrumentos cortantes de ferro” (Cardoso [1931-32], 1994, I:108).

Trata-se de uma ideia que foi reunindo um consenso alargado; alguns desenhos e esquemas de interpretação concorreram para acentuar um suposto princípio de desenho geométrico subjacente ao traçado da malha (Pinto in Silva, 1876, 9: Est.14; Cardoso [1931-1932], 1994: 76). No entanto, o padrão representado na Pedra Formosa é diminuto relativamente a semelhante motivo patente em mosaicos romanos. Silva (2019: 204) descreveria a decoração destes campos como um encanastrado ou entrelaçado curvilíneo.

Do ponto de vista da edificação, a forma dos ‘quadros’ de textura insculpida parece recortar duas aberturas praticadas na opacidade do plano da pedra-fachada. Todavia inclinamo-nos para não seguir uma interpretação literal de sugestão de ‘janelas’. Seria viável considerar a representação de um entrançado feito com vimes, no entanto, afigura-se-nos mais plausível ler a textura como uma figura de material tecido. A largueza da ‘malha’ poderia indiciar uma dificuldade de talhe do motivo, em granito, mais do que pretender uma representação realista da natureza do *tecido*.

Ora na leitura de uma forma de encerramento de um espaço de recinto seria importante recuperar o ponto de vista de Gottfried Semper ([1851], 1989: 102-103; Idem [1863], 2004: 665-666) sobre os quatro motivos originais (*Urmotive*) do habitar primitivo.

O primeiro desses motivos, e mais importante seria o *fogo*, elemento moral da arquitectura (o lar como coração e foco do grupo reunido); o segundo, o *chão*; o terceiro, o *tecto*; e, por fim, o *revestimento*, o *recinto* que encerra o espaço interior. Cada um dos elementos primordiais da arquitectura teria correspondência com uma arte, num sentido de *Making*, como proposto por Tim Ingold (2013): as artes de cerâmica, pedraria, carpintaria, e de tecelagem. As observações sobre a origem da arquitectura, com base no estudo de construções de civilizações da antiguidade e do novo mundo (a cabana primitiva), levariam Semper a compreender a natureza primeira da definição do *recinto* como plano de revestimento (*Bekleidung*) e abrigo realizado em materiais vegetais entretecidos, tecelagem ou tapeçaria, que integrariam, mais tarde, o plano murário como representação em material pétreo ou cerâmico, ou dariam lugar à parede como construção.

Nesse sentido, o alegado padrão geométrico que preenche o campo das duas ‘aberturas’ na Pedra Formosa poderia apresentar a sugestão de uma malha aberta, uma teia urdida com um fio volumoso, que velaria o recinto interior. Em alternativa a lã, como matéria de que seria tecida a malha, inclinamo-nos para colocar à consideração o linho, elemento da economia rural dos castros e da terra vimaranense (Estrabão, *Geogr.*, III.3.6; Cardoso, 1963: 29-36;

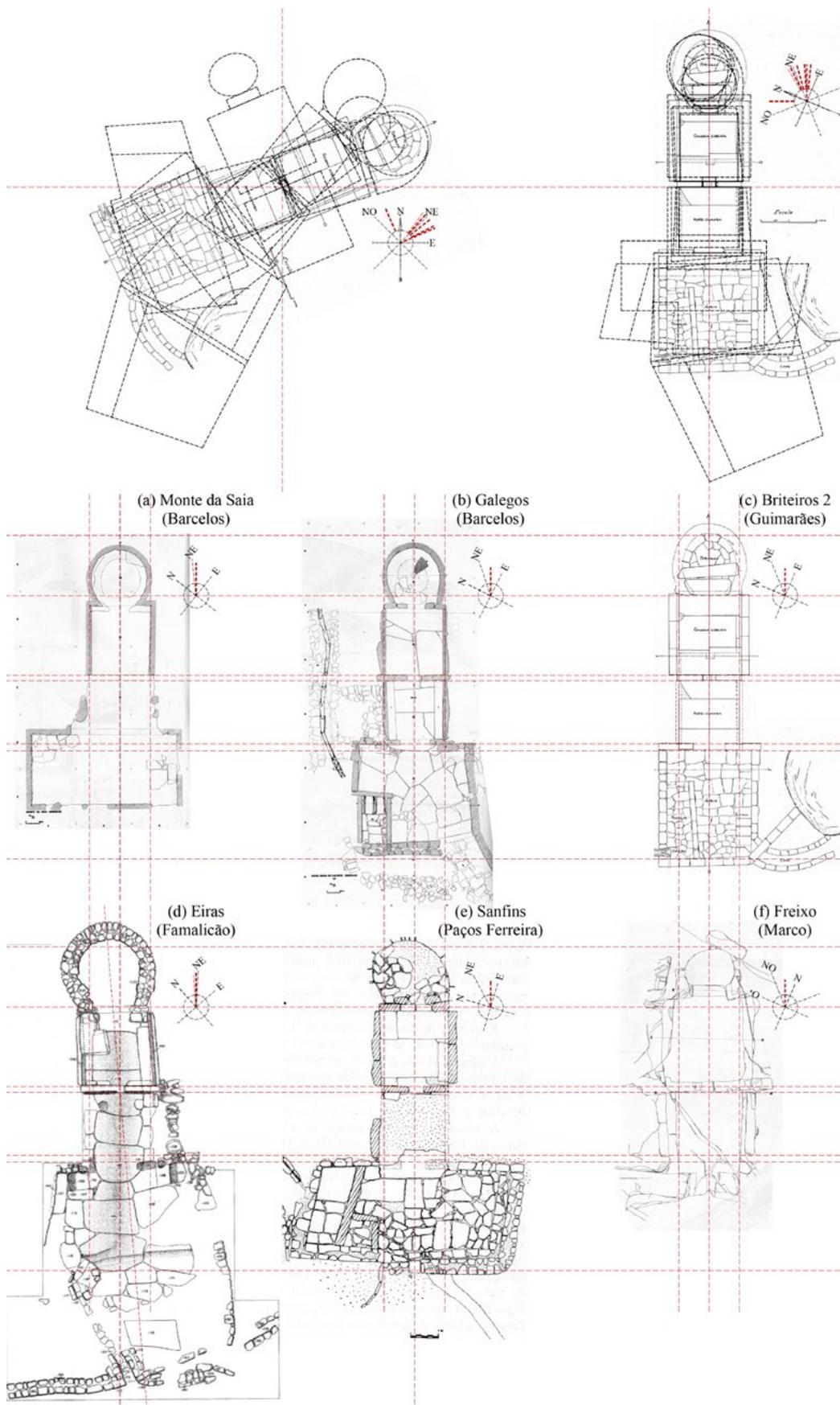


Fig. 04 Comparação tipológica, morfológica e de orientação
 (1) Sobreposição pela pedra formosa, orientação a Norte (2) segundo os eixos longitudinais
 (a) | (b) Silva, 1986: Est.XXXVII, Est. XXXV | (c) Cardoso [1931-32], 1994, I:104 | (d) Queiroga;
 Dinis, 2008-09:149 | (e) Almeida, 1975:13 | (f) Silva, 1986: Est.XXXVIII
 – matriz a vermelho segundo dimensões de Briteiros 2, com montagem e notas gráficas (2019©CGO)

Oliveira et al., 1978: 9, n.16 e 17, 123, n. 208). Inclusive Estrabão faria a referência a couraças dos guerreiros, tecidas em linho.

A Pedra Formosa parece deter uma sobreposição de várias camadas de significação. Uma camada seria dada por aquele manto, em fundo, que imaginariamente recobria a superfície e velava o recinto interior. Nos lados, dispõem-se uns pequenos motivos orientados transversalmente. Esses motivos seriam simples ornamento, uma composição de linhas retas e circulares, ou, talvez mais propriamente, pequenas figurinhas evocadas por meio de traços esquemáticos e um elemento mais definido, os anéis em círculo, em três de quatro casos associados ao prolongamento de uma linha reta. Ainda que sugestivas, parece-nos que a interpretação de pequenas figuras não deveria buscar, até ao limite, um sentido possível.

Sobre esta camada de fundo antepõe-se um outro elemento de figuração, numa escala maior, que organiza a composição da pedra, em estratos e tramos, e remata a pendente tectiforme, conferindo-lhe as proporções arquitectónicas sugestivas de *Casa*.

Foi no âmbito da hipótese da pedra como *sacra mensa* e *accubitum*, explorando aspectos envolvidos em ritos de fertilidade (opiniões reunidas, em síntese, por Cardoso [1928-29; 1931-32], 1994), que surgiria a ideia de que a figura representaria uma mulher no acto de ser fecundada (Cabré Aguiló apud Cardoso [1928-29], 1994: 90-91). Outros elementos de ornamento castrejo seriam lidos com signos de fertilidade, com o surgimento da pedra formosa 2 de Briteiros (Cardoso [1931-1932], 1994). Maria de Fátima Silva faria breve menção (Silva, 2019: 208-209), no âmbito do seu estudo sobre a decoração das pedras formosas, em geral envolvendo motivos abstratos e porventura símbolos astrais.

A figura humana estilizada muito se assemelha a umas figuras que ornamentam o leito do túmulo de Eberdingen-Hochdorf (Alemanha), da segunda metade do século VI a.C. (*I Celti*, 1991: 87). A sua representação é linear. Os 'braços' rematam o campo correspondente ao manto que tudo abriga; acima desenvolve-se o estrato da pedra correspondente aos ornamentos, na linha da cobertura. Os 'membros inferiores' estendem-se horizontalmente, em conjugação com mais duas linhas horizontais que vincam uma divisão principal da pedra, e demarcam a base do estrato central. No nível

inferior dispõe-se a abertura e passagem semicircular sobre-elevada (a 'gateira'), ladeada por dois nós de Salomão, com sentido apotropaico. Três toros/cordões verticais definem o eixo central da composição, no estrato do meio, com uma pequena extensão em torção. Cardozo ([1928-29], 1994: 82) tomaria a torção como intenção do canteiro, apenas esboçada, a que não teria sido dada continuidade.

Retendo a imagem de figura feminina estilizada notamos, em simultâneo, na ambiguidade e ambivalência da leitura sugerida, uma outra figura, que resulta da disposição particular das quatro cavidades presentes na Pedra Formosa. A disposição, a forma e a proporção relativa dos quatro elementos conjugam-se de modo a evidenciar o que poderia parecer um rosto, nos primeiros momentos de vida. Em sinal de (cinco) sentidos, os olhos (as cavidades laterais), e o nariz e a boca (as cavidades triangular e semilunar comunicantes entre si), tangentes à abertura semicircular/passagem protegida pelos signos apotropaicos – respiração e grito de uma criança recém-nascida –, e o cordão ligando à 'cabeça' da representação antropomórfica, qual umbigo, formam uma figura ambivalente e polissémica de Homem/geração afixada no plano da edificação.

Joaquim Possidónio da Silva (1876, 9: 137) e Mario Cardozo ([1928-29], 1994) dedicariam particular atenção às cavidades comunicantes entre si, dispostas no eixo central da fachada (que parecem ser um 'nariz' e uma 'boca'). Os orifícios e os canais praticados serviam para sustentar a hipótese de rituais de libações e oferendas realizados sobre a pedra, com os líquidos a serem recolhidos num vaso disposto sob a laje (**fig. 01c**). Todavia mais tarde, uma vez determinada a inequívoca posição vertical da pedra, Cardozo consideraria as cavidades como "uma particularidade de diminuto valor" (Cardoso [1934], 1994: 164). O pormenor das cavidades com os canais de comunicação, de facto singulares, por não se encontrarem em outras pedras formosas, deixariam de merecer uma particular atenção. De um modo mais geral, a existência de cavidades aproximadamente naquela disposição central (igualmente presentes em Sanfins), passaria a ser interpretada como dispositivo auxiliar de apoio das mãos, no esforço de tracção, na passagem do corpo pela gateira.

No remate superior da Pedra Formosa dispõe-se um motivo ornamental, os losangos cíclicos reproduzidos

em desenho e comentados por vários autores (Cardoso [1928-1929], 1994; García; Santos, 2015; Silva, 2019). Restaria observar que o motivo não parece ser simplesmente replicado, nem a disposição da sua seqüência se organiza simetricamente, no frontão. O seu alinhamento é mais nítido do lado esquerdo; surge em duas versões, com formas separadas e formas unidas, continuando, do lado direito, com as formas separadas, numa sugestão de continuidade e alternância de formas, porventura cada um dos motivos com um significado próprio. Em parte, os motivos seriam visíveis, no exterior, acima da linha da cobertura, que pousaria sobre o ressalto da pendente triangular.

2. O MONUMENTO COM A FUNÇÃO DE BANHOS E SAUNA COMO 'MATERNÁRIO',

Uma Casa de Maternidade e Nascimento

A diferença de ornamento e acabamento entre as duas faces da pedra formosa de Briteiros 2, 'tela tecida' correndo dentro de uma nave pétrea tectiforme, coloca-nos perante duas câmaras sensivelmente com o mesmo volume: ligeiramente maior aquela no seu extradorso, a câmara, praticamente sem luz mas em relação com a forma de forno-chaminé – lugar do fogo – ligando-as um elementar pórtico trilítico; do outro lado a antecâmara, recebendo a formosa face, abrir-se-ia na fachada exterior, por meio de porta por vezes ornamentada, voltada ao pátio com tanque – de água corrente – e aos ares da montanha. Apenas o pátio denunciaria a existência do edifício, com os três compartimentos seguintes em condição hipogeia, cuja seqüência espacial, morfológica, construtiva e dimensional apresenta constantes que permitem considerar um tipo arquitectónico. Impressiona a reduzidíssima variação entre os modelos conhecidos (fig. 04), ao ponto de o reconhecimento das características do segundo edifício de Briteiros, o mais bem documentado in loco, suportar a descrição do próprio tipo – com o recurso pontual a pormenores aqui omissos mas observáveis noutros casos (fig. 05 e fig. 08). Entre os *Urmotive* de Semper,

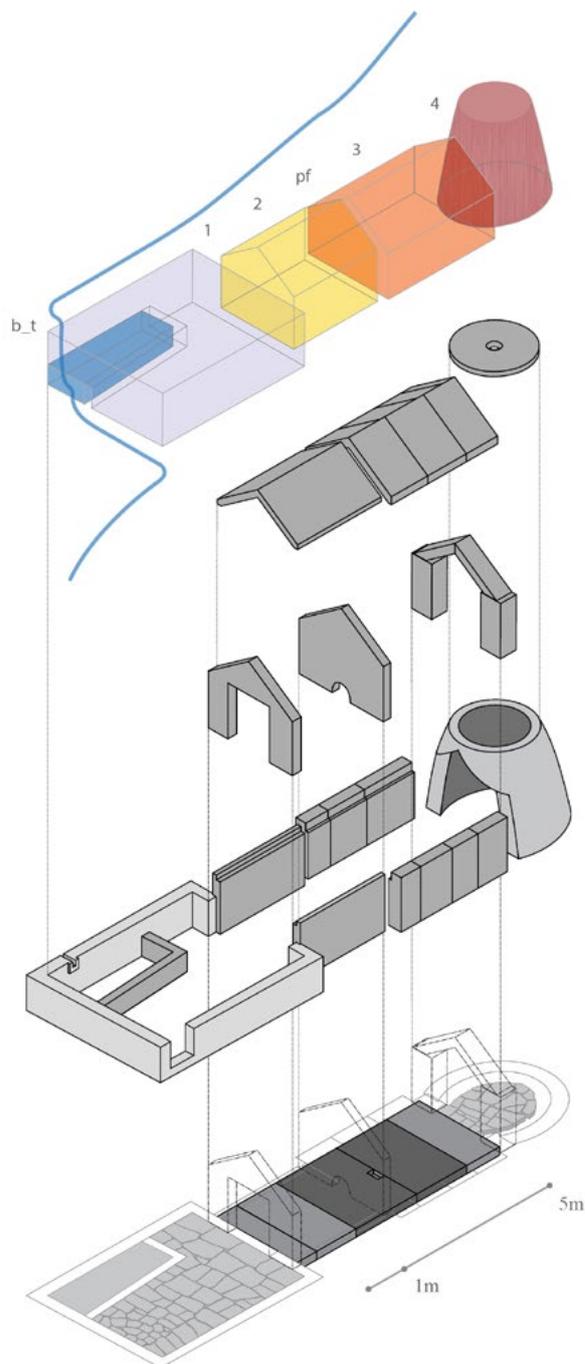


Fig. 05 Composição arquitectural de um 'maternário' a partir do de Briteiros 2
Cardoso [1931-32], 1994, l:104 (2022©CGO-HGP)

(b_t) bica e tanque com água corrente; (1) pátio; (2) antecâmara (pf) Pedra Formosa; (3) câmara; (4) fornalha

(A) chãos; (B) muros-paredes; (C) planos de segmentação, limiares-mediadores, incluindo a configuração da passagem contida em cada um deles; (D) tectos-coberturas; (E) volumes espaciais, com sugestão de temperatura-elementos

Os diferentes cinzas nos chãos, muros-paredes e tectos-coberturas assinalam diferentes qualificações do granito; note-se as duas lajes mais escuras unindo as duas câmaras, uma das quais sob a pedra formosa, em granito porfiróide, mais rijo (conforme comentário na Fig. 07).

além do lar do fogo, com a água por contraponto, é fortíssima a presença do chão, da parede e do tecto nas câmaras centrais, integralmente pétreas. Assim, nestes quatro espaços alinhados e na presença dos quatro elementos – terra, fogo, água e ar – o sugestivo antropomorfismo da pedra formosa poderá igualmente ser lido no corpo do edifício? (fig. 02 e fig. 05); deterá igualmente uma natureza feminina ou maternal?

As constantes formais do edifício observam-se igualmente em padrões de posição paisagística e territorial, pelo que sumariamente poderemos caracterizar esta morfologia-tipo multidimensional por: (i) existência de pedra formosa ornamentada com intensidade variável, definindo e condicionando fortemente a passagem entre as câmaras pétreas; (ii) uma sequência de quatro compartimentos: fornalha, câmara, antecâmara e pátio; (iii) construção das câmaras em silhares de grandes dimensões, perfeitamente esquadriados e com pormenores construtivos de encaixe para uma precisa posição de todas as peças, definindo chão, parede e tecto; (iv) uma condição hipogeia das áreas mais significativas com um pátio com tanque(s) mediando a relação com o exterior; (v) presença de água corrente no(s) tanque(s), com a bica da fonte e as necessárias canalizações; (vi) situação nas faldas dos cabeços onde o povoado assenta, em talvegues mais ou menos pronunciados, conduzindo a *clareiras* ou recessos favorecidos pelo sol e protegidos dos ventos – e assim favoráveis à acumulação de calor; (vii) nas imediações mas claramente fora da estrutura urbana muralhada, acedida a partir de uma das suas portas, e tendencialmente a Sudoeste do povoado; em Briteiros como em Sanfins, os edifícios estabelecem uma significativa complementaridade com elementos proeminentes situados no alto do espaço habitado, ora com a casa do conselho, ora com o guerreiro-guardião de uma das portas (García; Santos, 2015: 80-81); por fim, (viii) localização quase sempre em povoados de média e grande dimensão e situados no *anfiteatro* atlântico do Minho e Douro; e (ix) um padrão dominante na orientação a És-Nordeste do eixo longitudinal do edifício, no sentido pátio-fornalha, em relação propiciadora com o nascer-do-sol entre os equinócios de Primavera e Outono¹.

E no amplo espaço da Cultura Castreja, que referências encontramos então à mulher, à maternidade ou ao parto?



Fig. 06 Estudo de possível relação entre a câmara e a fornalha, a partir de Briteiros 2 e de Galegos (página seguinte, em cima, 2022©CGO)



Fig. 07 Briteiros 2: chão e 'tela' entre câmaras (2019©CGO-PAP)

A laje de passagem, a maior de todas, e a seguinte, na câmara, “apresentam a particularidade de serem constituídas por um rijíssimo granito porfiroide”, assim diferenciado do das outras três lajes ligeiramente menores e que completam o chão das duas câmaras; “uma cuidadosa polidura [...], revelando um uso prolongado e contínuo, como que resultante não propriamente do atrito dos pés, mas de uma lavagem ou limpeza frequente, auxiliada talvez pela fricção de uma pequena pedra movida à mão sobre o pavimento, como usam ainda os canteiros actuais, quando querem obter um polido perfeito”; o “extremo desgaste com que se apresenta a superfície das grandes pedras do solo [...] nas duas partes separadas pela Pedra Formosa”; e a existência de um recorte rectangular, “formando como que uma pequena caixa onde ajusta perfeitamente um fecho ou tampo do mesmo granito”, no bordo do lado da câmara, a eixo, com 30cm por 18cm, questionando-se: “Qual o fim desta cavidade?” (Cardoso, 1994 [1931-32]: 106-113)

As mulheres do Norte na Geografia de Estrabão de Amásia

Uma aproximação pela releitura de fontes antigas procura convocar as quase nulas referências ao papel das mulheres e ao processo do parto na antiguidade, incluindo os primeiros cuidados com o recém-nascido. Duas dificuldades se colocam: a da ausência de registos pelos próprios povos da Cultura Castreja; e o facto de os disponíveis nos chegarem sempre a partir do olhar da antiguidade greco-romana, potencialmente fragilizando a possibilidade de constituírem argumentos, sobretudo considerando a proposta de um contexto e cronologia pré-romanos. As duas fontes consideradas, a *Geografia* de Estrabão e os *Gynaikieia* de Sorano, a primeira da viragem de Era e distanciadas pouco mais de um século, são abordadas segundo dois pressupostos: o suporte crítico de estudos recentes que têm contribuído para perspectivas mais complexas e credíveis; e o privilegiar de referências que digam respeito a costumes de *povos bárbaros* ou *outros povos longínquos*. As *imagens* que aqui possam ser captadas constituirão referencial para a posterior releitura dos espaços e do tipo arquitectónico dos conjuntos propostos como *'maternários'*.

As dúvidas quando à fidedignidade da *Geografia* de Estrabão são recorrentes e em particular quando o autor é citado enquanto argumento central da hipótese *'indigenista'*, inclusive fragilizando-a (García; Santos, 2015: 76-77). Da passagem em causa deduziu-se a prática de banhos e saunas, base para defesa tanto de um uso elementar de tratamento do corpo, como de uma função guerreira, iniciática ou sacra, associada aos edifícios aqui tratados (Ríos, 2017; Silva, 1986, 2007; García, 2016). Pese toda a controvérsia, a verdade é que prevalecem as hipóteses tanto de banhos como de saunas, ultrapassada até a referência estraboniana que, mesmo questionada, acabou por contribuir para a discussão. Assim, outras passagens poderão

ser também consideradas como espoleta de outras hipóteses, desde que com reservas e sentido crítico.

“Estrabón describe de forma realista la costa occidental de Iberia y el ethos de sus pobladores.” (García, 2020: 359, 363) Estudos mais recentes, nomeadamente de García Quintela, no prefácio da tradução da *Geografia* para castelhano por Gómez Espelosín (2007-2009) como numa reflectida leitura sobre o desiderato intelectual, as próprias fontes e o rigor possível da obra de Estrabão (García, 2020: 359-368), reconhecem consistência de abordagem e propósito, conferindo assim maior crédito a este autor.

[A] respeito de todos os povos ibéricos em geral, mas, acima de tudo, em relação aos povos do norte [...], certos] comportamentos são comuns aos povos célticos e também aos Trácios e aos Citas, como também as histórias a propósito de coragem, tanto a dos homens como a das mulheres. [...]

As mulheres, elas próprias, trabalham a terra e, tendo dado à luz, logo tratam de servir os seus homens, e põem-nos a repousar no leito, em vez delas. Enquanto estão a trabalhar muitas vezes [... dão à luz?] elas próprias, lavam e envolvem a criança em faixas, debruçadas junto de um riacho qualquer. [...]

É o caso de, entre os Cântabros, os homens darem um dote às mulheres, as filhas ficarem com o estatuto de herdeiras, os irmãos serem entregues por elas às noivas em casamento. Existe, de facto, uma certa forma de poder feminino³. (Estrabão, *Geografia*, III.4.17-18)

Estando a trabalhar como poderiam as mulheres, de forma recorrente e autónoma, dar à luz e cuidar do recém-nascido, com a constante de o fazerem junto de uma linha de água? Poderá o *estar a trabalhar* significar que as mulheres manteriam a sua actividade habitual e que, perante as primeiras contracções ou mesmo rebentadas as águas, atravessariam o povoado tomando o caminho que leva a um lugar invisível, como é próprio de uma estrutura hipogeia, apenas marcado

1 Temos presente trabalhos-síntese recentes, nomeadamente as leituras arqueoastronómicas de García Quintela et al. (2014, 2015, 2016), contudo e de momento, afigura-se suficiente uma leitura mais concreta e empírica.

2 A hipótese de “dão à luz” figura em nota de rodapé, observando-se que “Radt sinaliza aqui uma lacuna, que não preenche. Outros editores têm sugerido hipóteses diversas, todas elas traduzíveis por ‘dão à luz’.” (Deserto; Pereira, 2016: 79, n.304)

3 O termo *gynaikokratia* figura em rodapé em nota dos tradutores. (Deserto; Pereira, 2016: 80, n.306)

pela água corrente e eventualmente revelado pelo pátio com tanque?⁴

Observe-se ainda que o termo empregue por Estrabão é *gynaikokratia*, *ginococracia*, sendo interpretado por Tranoy (1981: 106-107) no sentido de matrilinearidade, latente no próprio texto de Estrabão, preterindo a hipótese de matriarcado proposta por outros autores; enquanto argumento para a presente hipótese, uma concepção matrilinear é consentânea com a hipótese de maior relevância das mulheres na estrutura social.

As mulheres, o parto e o recém-nascido nos *Gynaikēia* de Sorano de Éfeso

Do segundo livro, dos quatro que constituem a obra de Sorano, a referência mais clara a outras culturas além da greco-romana respeita a povos bárbaros que, “como os Citas e os povos germânicos e até alguns gregos, lançam o recém-nascido na água fria “para o tornar vigoroso” [...] e para pôr à prova a sua resistência, como se os mais fracos não fossem dignos de serem criados”. (Sorano apud Pinheiro, 2013: 192) Poderá esta passagem conferir possibilidade de um novo sentido de uso ao tanque com água corrente existente no pátio dos edifícios em discussão? A estranheza sobre este e outros costumes surge pontualmente, enquanto apartes, ao longo dos capítulos dedicados tanto ao parto como sobretudo aos cuidados a ter com o recém-nascimento nos primeiros momentos de vida – excepções sobre ‘o outro’, ‘distante’ ou ‘antigo’, por que centralmente incidente no contexto greco-romano. Tentaremos assim reter aspectos mais fisiológicos e necessários, por aproximação a uma visão médica, à época, procurando filtrar as particularidades contextuais dos inerentes rituais associados.

As recomendações de Sorano acerca das várias competências conferidas à parteira, detendo ‘o papel principal no primeiro dia de vida’, centram-se nos ‘ritos de passagem de entrada na vida humana: a inspecção do

neonato; o corte do cordão umbilical; o primeiro banho; massagens e enfaixamento de modelação do recém-nascido; e primeiro alimento e amamentação’. (Dasen, 2010) Da sequência de procedimentos e ritos, retemos como apropriáveis o ‘deixar repousar o ser na terra-chão por uns momentos, avaliando de seguida a sua viabilidade através de um conjunto de critérios’ “muito semelhantes aos que hoje constituem o índice de Apgar” (Dasen, 2010; Pinheiro, 2013: 192), “colocando o recém-nascido em estado *liminal*, entre vida e morte, antes do corte do cordão umbilical”; a viabilidade é assinalada através da elevação do neonato do solo (Dasen, 2010: 298). Sorano recomenda ‘o corte com instrumento de ferro, desaconselhando o uso de outros materiais empregues por credices e superstições de mau-agouro pela lesividade do metal’ (Sorano; Dasen, 2010; Pinheiro, 2013); o processo de corte poderá ser metaforicamente associada ao ‘manuseio do fuso e da roca, enquanto determinação de vida ou morte’ (Dasen, 2010: 299) – apesar de esta interpretação respeitar a uma gema-jóia do período romano. ‘O primeiro banho confirma(rá) a viabilidade do recém-nascido e portanto, após o nascimento biológico o nascimento simbólico, a primeira passagem pela separação da vida uterina e a entrada na vida com a sua aceitação e integração no grupo familiar’ (Dasen, 2010: 300). Reatando a passagem inicial de Sorano, além da inspecção inicial pela parteira ou, substituindo-a, o mergulho em água fria determinaria a resistência e vida do recém-nascido – e um tanque com água corrente, fresca e limpa, aqui tão perto, quem sabe talvez morna pelo calor acumulado. Outra excepção assinalada por Sorano é o caso dos espartanos, em que ‘a inspecção é conduzida pelo Conselho de Anciãos, sendo o recém-nascido banhado em vinho testando a sua constituição’, integrando assim ‘outra passagem ritual, autênticos “cenários de ciclos de vida”, com a sua apresentação e entrada na comunidade’ – como não evocar no contexto norte-peninsular a relação do ‘maternário’ com a casa do conselho no alto, em Briteiros, ou estórias de moiras fiando sob(re) penedos? As mulheres são omnipresentes em todo o processo do parto, sendo que a presença de homens é muito pontual e associada, como no caso anterior, a cerimónias rituais. Seguem-se massagens e enfaixamentos do neonato, e quando desenfaixar; além de

4 É narrado um episódio ocorrido na Ligústica, na região actual de Marselha, que concretiza a resistência das mulheres, mesmo no processo do parto; apesar de reportar a um contexto distante do Norte-Ibérico parece-nos contudo que as referências de Estrabão, seja à Ligúria seja à Trácia, funcionam a título de exemplo, no sentido de situar comportamentos vistos pelo mundo grego “como uma aberração” (Deserto; Pereira, 2016: 80, n.306), procurando paralelos com situações e contextos que, mesmo que intermediados pelo relato de outros, lhe sejam relativa e culturalmente mais próximos.

questões relacionadas com o primeiro alimento e a amamentação, surgem outras referências a momentos ou períodos *liminais* – a semana crítica até à queda do cordão umbilical cortado e.g. –, limbos entre vidas, da uterina à terrena, desta à familiar e finalmente a sua integração social na comunidade. Que espaços arquitectónicos suportam a sequência descrita, incontornável sejam quais forem as circunstâncias culturais? E que planos arquitecturais poderão representar estes limiares mediadores, umbrais de passagem em que momentaneamente alguém permanece?

A propósito do espaço para o parto, Sorano apresenta-nos um panorama mais concreto, permitindo-nos uma aproximação às condições dos espaços, à sua ocupação e ambiente, e sobretudo ao aparato instrumental: além da parteira, “provida do seu próprio material especializado” (Dasen, 2010: 296), *‘deverá haver ajudantes-mulher’* (Sorano, *Gynaikeia*, II.3.5). *‘Dos preparativos para o parto deverão constar óleos, água morna, fomentações aquecidas, esponjas, pedaços de lã, ligaduras, coisas para cheirar, um banco ou cadeira de parteira, esteiras, e um compartimento adequado’*. (Sorano, *Gynaikeia*, II.2.2)

[... O] lugar onde decorre o parto e onde a mulher descansa em seguida deverá ser de tamanho médio. De facto um espaço pequeno sufoca as pessoas e um grande não é fácil manter quente. Além disso, o ar deve ser de temperatura moderada; o ar frio, pelo seu contraste, tem uma acção um tanto adstringente, enquanto o calor diminui muito a força da parturiente. (Sorano, *Gynaikeia*, II.3.4)⁵

Quanto às características da cadeira, que deverá ser “cortada à frente ou também atrás” e *‘o banco de parteira conforme indicado’*, Sorano de facto refere que *‘além de pé ou agachada, a posição mais favorável para o parto será sentada’*. – Será possível, de entre a estatuária da Cultura Castreja, interrogar sobre algum sentido na temática da representação das figuras sedentes de Sendim, *‘uma mulher grávida, de pernas abertas’*, e de Lanhoso, “de vulto redondo”? (Calo, 1993-97: 144-146) – Por fim, Sorano adverte ainda que “a extracção do feto em trabalho de parto difícil deve ocorrer com a mulher deitada.” (Sorano, *Gynaikeia*, II.2.3)

Novamente no Minho-Douro, em Briteiros: uma casa de maternidade e nascimento

Inspecionemos novamente o edifício, em detalhes já à luz e em relação com os procedimentos e espaços necessários à maternidade e nascimento, incluindo os umbrais-espaços-planos de passagem inerentes à função de *‘maternário’* proposta para estes edifícios. Observamos particularidades arquitectónicas e construtivas, nomeadamente (i) a pedra formosa, além de segmentar, interrompe construtivamente a arca pétreo tectiforme, separando dois mundos; no caso de Briteiros 2, que contudo não se observa noutros casos, a ligação é assegurada pelo chão através de uma laje de dimensões descomunais, onde repousa a pedra formosa, unindo assim as duas câmaras⁶ (**fig. 05** e **fig. 06**); seria este o plano de operações, entre manobras de parto e cuidados com o recém-nascido, possíveis pelo perfeito polimento e desgaste por limpeza da sua superfície? E nos ritos de passagem, quem está de que lado da pedra formosa? Neste sentido, tão relevante quanto a definição dos quatro compartimentos, são (ii) os planos limiares-mediadores que os segmentam, incluindo a configuração da passagem entre cada um deles: (ii-a) entrada, no muro do pátio a Sudeste, excepção ao eixo estruturante do conjunto; (ii-b) porta, ligando pátio e antecâmara, na *fachada* sudoeste do edifício, também aposta aos silhares que definem a secção em mitra da antecâmara⁷; (ii-c) orifício da pedra formosa, passagem possível entre câmaras-mundos; na passagem para a fornalha, (ii-d) um pórtico trilítico (em mitra no caso de Galegos), separação-ligação entre compartimentos (**fig. 07**). Além da definição geométrica, é relevante atender às (iii) atmosferas e temperaturas de cada volume, em progressão: do sussurro da água corrente no tanque do pátio iluminado por luz natural, em sucessivo aumento de temperatura e interioridade, ao calor penumbroso e crepitante da fornalha, com a pequena abertura ventilando e mantendo vivo o fogo ou brasas (**fig. 05**). *‘Temperatura ambiente controlada, água morna, fomentações aquecidas, instilações, vapores’*, ... seria certamente a fornalha a propiciar estas condições e, a propósito, refiram-se os vestígios de exposição directa ao fogo de pedras

5 Por perda do original grego, o tradutor assinala esta passagem na nota 10, página 72, a partir da tradução latina de Caellius Aurelianus.

6 Mário Cardoso (1994 [1931-32]) registou ainda outras particularidades, presentes em legenda.

7 Note-se familiaridade entre elementos da plástica ornamental presentes nas pedras formosas e aqueles que por vezes surgem em ombreiras e lintéis de portas de casas, em exposição no Museu da Cultura Castreja, Briteiros.



Fig. 08 Pórtico de transição entre a câmara e a fornalha
– trilitíco em Briteiros, em mitra em Galegos – e o problema do plano da pedra furada
(a) Galegos (2013©CGO-PAP)

Em Briteiros, no estado actual, a viga, muito larga, pertence também à cobertura da fornalha; contudo, comparando com Galegos, coloca-se a hipótese de a fornalha-chaminé ser mais alta, colocando assim a pedra furada mais próxima da superfície. Na verdade, a fornalha não será propriamente um compartimento habitável, antes uma chaminé tronco-cónica de base elíptica truncado no topo e no contacto com a câmara, conforme Fig. 06.

e seixos rolados. Na questão de eventual iluminação artificial (García; Santos, 2015: 80), nomeadamente das duas câmaras, não será estranho equacionar (iv) o uso de luminárias, no chão ou elevadas por algum meio, exacerbando dramática e volumetricamente a ornamentação da pedra formosa. A (v) existência de bancos na antecâmara, em pedra no caso de Galegos e Freixo, em Galegos associados à singular viga-trave da pedra formosa, apontam sentido de permanência neste compartimento. Funcionariam como apoio similar ao proporcionado pelo banco de parteira? Ou estaria a parturiente deitada no solo, talvez sobre a serpente protectora como a que vemos em Freixo (García, 2016: 120, fig.12), a eixo da composição, com as forças colocadas na formosa pedra-mãe? Em que espaços ou limiares estariam, parteira, ajudantes, mulher-mãe e recém-nascido?

Por fortuna foi possível conhecer a posição de duas pedras encontradas no Forno dos Mouros, em Monte da Saia (Barcelos): integravam a guarda de um tanque, que Martins Sarmiento correlacionou, na altura, com o monumento de Sabroso, pensando-o como san-

tuário consagrado a uma divindade das águas; mais tarde, Cardozo estabelecerá a relação com o tanque em analogia com a estrutura de Briteiros ([1931-32], 1994: 128-133). Aqui, no pátio, a parte superior das pedras da guarda exterior do tanque mostra *'profundo desgaste, em arco rebaixado, como se por muito tempo ali se tivessem afiado instrumentos de ferro'* (fig. 02); tais arcos, em linha decrescente, oferecerem apoio a diferentes alturas: estaria o tanque relacionado com os ritos de passagem tanto do corte do cordão umbilical, com ferro, como do primeiro banho, ou mesmo sobrevivência conquistada após mergulho em água fria? As interrogações são muitas e só a abertura e possibilidade de discussão, bem como o concurso da história da medicina, da antropologia, de ensaios experimentais,... poderão fazer reflectir sobre as possibilidades.

Em Briteiros 2 observa-se uma sucessiva delimitação de recintos: além daquele definido pelo muro envolvente do pátio, existiria um limite mais vasto, definindo possivelmente um recinto de culto ritual mais alargado, visível nos restos de uma estrutura murária, cujo traçado remanescente, se replicado aproximadamente em

simetria, situaria a edificação a eixo da composição (fig. 02a). Do tanque do pátio partia um canal de escoamento de águas, passando por baixo da porta de entrada e respectivos degraus de acesso, dirigindo-se a um penedo próximo (fig. 02b); seria como que uma pedra genesíaca, pedra geradora de vida? Deste modo a posição do recinto do ‘maternário’, no flanco sudoeste do monte, seria marcante e talvez intencional, significativa para a comunidade e em relação próxima com a edificação circular, de grande diâmetro, no alto, que formava provavelmente o lugar de assembleia com domínio sobre o território. Em complementaridade de funções vitais e socialmente representativas, ao espaço político dominador estaria a genesíaca estrutura hipogeia, resguardadas construções no seio da Terra, reconhecendo um espaço próprio para as mulheres, no momento do parto e primeiros cuidados com o recém-nascido, contributo social para a comunidade. Assim, as *pedras formosas* seriam verdadeiramente formosas *pedras da vida*, plano central de uma *casa-Terra-Mãe*, *casa do nascimento* ou ‘maternário’.

Pese embora variações na posição e relações topográficas, a condição genesíaca de um grande penedo poderá igualmente ser discutida tanto em Sanfins como em Armea. Em Sanfins, voltados a És-Nordeste e posicionados a eixo da estrutura do complexo, alinha-se o grande penedo guardião da porta da muralha vigiada por um guerreiro (García; Santos, 2015: 80-81); por aqui se acedia a partir da citânia, entre penedos e fragoso caminho. Igualmente proeminente, perfila-se a Norte outro conjunto de grandes penedos, em espelho nos limites da citânia; poderá este triângulo deter significado mais complexo, proeminente-dominador e invisível-protector, reconhecendo papéis e contributos sociais tanto de homens como de mulheres? O caso de Armea é igualmente interessante: para além da abundância de águas, com qualidades terapêuticas traduzidas em topónimos actuais – Águas Santas e Santa Mariña –, numa encruzilhada de caminhos é o descomunal penedo genesíaco, o Penedo da Moura, que aponta uma possível entrada no que poderá ter sido um recinto mais alargado.

UMA REFLEXÃO FINAL

A cultura castreja não (des)escreveu o seu mundo, em texto escrito, num registo de memória distinto do tempo da fala e com a distância da observação da mão, que afeiçoava a forma de tornar habitável a terra em que vivia, e marcava e ornamentava, em formas construídas e sinais, a paisagem segundo os ciclos da vida.

Partindo de pedras e de obras, tentámos ligar alguns pontos, num processo de procura de sentido. As pedras de Monte da Saia são um elemento importante para pensar os monumentos com pedras formosas. Leite de Vasconcelos observaria que, numa das pedras, uma personagem, de saio, segura o que parece ser a haste de um boi, e na outra, uma personagem de veste mais comprida; o seu braço direito flectido “segura

um objecto indecifrável que se confunde com o ombro esquerdo” (Vasconcelos [1913], 1981: 510-512). Que gesto seria esse, sublinhado por uma leve inclinação da cabeça? Uma mulher segura *ternamente* seu menino de tenra idade.

Seria possível atentar a uma outra representação de figuras femininas. Desfilam a par com guerreiros, num cortejo processional encabeçado por sacerdotes, representado no carro votivo de Vilela (Cardoso [1946], 1994: 477-508; Silva, 1986: 183, 302)⁸. O carro votivo, de cerca dos séculos IV-III a.C., apresentaria uma cerimónia de culto a uma divindade guerreira (Silva, 1986: 183, 302). As figuras femininas pou-sam as mãos sobre o ventre, algumas transportam um

8 O estudo aprofundado de Cardozo deixaria obscurecido o reconhecimento das personagens que seguem o par de cada um dos guerreiros. O autor interpretou-as como cativos, com um saco ou pequena mochila às costas, e de mãos atadas (por esse motivo, cruzadas sobre o ventre); iriam a caminho de ser imolados. Cardozo sintetizou as formas observadas em desenho; no entanto, a reprodução mostra-se contaminada pela interpretação. A figura de ‘cativo’ perdeu o toucado, e a curvatura do volume, às costas, não foi delineada inteiramente conforme a observação das pequenas esculturas.

volume no dorso, preso por tiras cruzadas no peito (*Ibidem*: 183, n. 556). Como não pensar em mulheres com crianças às costas, seguras por faixas? Seria, por conseguinte, uma procissão ritual mais complexa, porque a representação figurada, aparentemente tripartida, faz partícipe da evocação cultural a infância que desponta na sua integração social – ainda ao dorso, mas já presente e visível. Poderia ser uma representação da continuidade do todo social – a comunidade que se encaminha a celebrar um ato sacrificial de invocação da proteção da vida e da criação.

Retomando a pedra formosa. Segundo uma tradição popular, teria sido “transportada à cabeça por uma moira enquanto fiava na roca”, na sua passagem da Citânia para Santo Estêvão (Vasconcelos [1882] apud Cardoso, e síntese acerca das trasladações, [1928-29], 1994: 72-74). Ora a roca como emblema da mulher; o fiar e tecer linho, e pedra, penedo e fonte; moura e Virgem, formam uma tríada, no imaginário do linho, a que se associam costumes, que a tradição ainda conservava, em meados do século XX, e seriam como sinais remanescentes de mitos arcaicos. Envolviam a mulher em relação com o trabalho da casa, a fertilidade e a gestação, e como curadora da infância (Oliveira et al., 1978: 179-204). Fiando, desfiava o fio das gerações no tempo. Ao linho se associa a ideia de “detentor de forças ocultas, normalmente benéficas, que se atualizam e tornam operantes mediante ritos próprios”; e na proteção de males das crianças, é conhecida a “prática de transporte e transplante da doença, pela passagem (através de um vime), reforçada por um novo rito – a ligadura” (*Ibidem*: 191-194). Desse modo, na analogia de um pano tecido, na pedra formosa, o linho traria consigo dois importantes sentidos unidos: a acção da mulher e o tempo contado. O que aconteceria com/e na *Casa com pedra formosa* seria o modo e a forma intrínseca de a comunidade se expressar – falar e fazer perdurar a memória – e continuar o fio das gerações. Habitar, dando vida na Terra-Mãe natureza.

Existindo em tempo coevo do monumento com a Pedra Formosa 1, ou talvez mais tarde, a pedra formosa do segundo edifício de Briteiros apresenta um ornamento reduzido, abstrato, formando uma composição com linhas de movimento (**fig. 01b**), linhas concêntricas, um círculo insculpido e dois trísceles, com o sentido de rotação oposto, dextra, no alto, e sinistra, em baixo, à esquerda. Seriam uma representação do Sol e da Lua, não sendo importante a diferença da rotação dos trísceles? (Cardoso [1931-1932], 1994: 115). Ou a diferente representação da rotação poderia significar uma representação do Céu e da Terra, unidos no horizonte, e a forma como seria imaginada a visualização da revolução do Sol, passado o horizonte, no transcurso noturno? Pretenderia o desenho de ‘canal’ (rio sem princípio nem fim?), que se abre nos extremos, com rebordos, sugerir um movimento de correlação/trasladação, de um lado o tríscele, baixando às profundidades, em inversão, e do outro o círculo insculpido liso, nascente?

Seria uma composição como um mapa do mundo, de terra e cosmos, dos tempos de vida e morte. Como são singulares as casas com pedras formosas, e extraordinárias as duas pedras encontradas em Briteiros, duas faces de um discurso, um de empatia e figuração eloquente, o outro, como uma representação geométrica do cosmos.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à Professora Doutora Amélia Ricon Ferraz, FMUP, e ao Professor Doutor Lino Tavares Dias, CEAU-FAUP, a disponibilidade com que nos receberam, bem como os respectivos contributos disciplinares para uma primeira fundamentação da interpretação proposta; a Paulo Alves Pereira, pelos registos fotográficos e tratamento de imagens; a Henrique Garrido Pereira, pela produção de desenhos e imagens.

9 Eudoro de Sousa desenvolve uma reflexão em torno de sentidos do “mistério do horizonte”, do ‘caminho’ do Sol em *Horizonte e Complemtaridade. Ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos* (Sousa [1975], 2002: em particular 31-65).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – “O Castrejo sob o domínio romano. A sua transformação”. *Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga da Galícia*. Santiago de Compostela: U.S.C., 1983, pp. 87-198.
- _____. – *Archaeologica Opuscula: Miscelânea de Arqueologia Nortenha*, I. Porto: Livraria Fernando Machado, 1975.
- _____. – “O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973”. *III Congresso Nacional de Arqueologia*, 1974, 149-172.
- CALO LOURIDO, Francisco – *A Cultura castrexa*. Vigo: A Nosa Terra, 1997.
- CARDOSO, Mário – “A fição e a tecelagem na antiguidade peninsular”. *Actas do Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso, 1963)*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965, vol. 2/6, pp. 29-36.
- _____. – *Correspondência epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento: arqueologia e epigrafia: 1879-1899*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1947.
- _____. – “A Pedra Formosa” [1928-1929]; “A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa” [1931-1932]; “A Pedra Formosa da Citânia de Briteiros, e a sua interpretação arqueológica” [1934]; “Carrito votivo de bronze, del Museo de Guimarães (Portugal)” [1946].
- CARDOSO, Mário – *Obras de Mário Cardozo*, 2 vol. Lisboa: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1994-1999, vol. 1, 1994, pp. 71-95, 97-147, 153-167, 477-508.
- DASEN, Véronique – “Chapter 18: Childbirth and Infancy in Greek and Roman Antiquity”. RAWSON, Beryl – *A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds*. Wiley Online Library, 2010, 291-314. doi.org/10.1002/9781444390766.ch18
- DESERTO, Jorge; PEREIRA, Susana da Hora Marques – *Estrabão, Geografia: Livro III: introdução, tradução do grego e notas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- GARCÍA QUINTELA, Marco V. – “Del mito a la geografía: ecos de la «Merópide» de Teopompo en la descripción de la costa atlántica de la Iberia de Estrabón”. ALBALADEJO VIVERO, Manuel et al. (eds.) – *Non sufficit orbis: Geografía histórica y mítica en la Antigüedad*. Madrid: Dykinson, 2020, 359-368.
- _____. – “Topoastronomía de las Piedras Sacras en la Edad del Hierro y la Antigüedad”. – ALMAGRO-GORBEA, Martín; y GARI Lacruz, Ángel (eds.) – *Sacra Saxa: Creencias y ritos en piedras sagradas: actas del Coloquio Internacional celebrado en Huesca del 25 al 27 de noviembre de 2016*. Huesca: Instituto de Estudios Altoaragoneses, 2017, 66-112.
- _____. – “Sobre las saunas de la Edad del Hierro en la Península ibérica: novedades, tipologías e interpretaciones”. *Complutum*, 27 (1) (2016), 109-130. doi.org/10.5209/Compl.53219
- _____.; SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel – “Iron Age Saunas of Northern Portugal: State of the Art and Research Perspectives”. *Oxford Journal of Archeology*, 34 (1) (2015), 67-95.
- _____. et al. – “The Iron Age Saunas of the Northwest Iberian Peninsula: An archaeoastronomical perspective”. *Mediterranean Archaeology & Archaeometry*, 14 (3) (2014), 133-141.
- _____. – “Da religión ao mito e do mito á literatura” (postfacio). GAGO, Manuel; CRÁNEO, Manel (Illust.) – *Vento e Chuvia. Mitoloxía antiga da Gallaecia*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2013, pp. 83-108.
- GARCÍA Y BELLIDO, Antonio – “Las cámaras funerarias de la cultura castreña”. *Archivo Español de Arqueología*, 41 (1968), 16-44.
- I Celti*. 1.º ed. Milano: Bompiani, 1991.
- INGOLD, Tim – *Making. Anthropology, Archeology, Art and Architecture*. Oxon; New York: Routledge, 2013.
- MAYEUX, Henri – *La composition décorative*. 8ème ed. Paris: Alcide Picard, [189].
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de et al. – *Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho*. Lisboa: INIC, 1978.
- PINHEIRO, Cristina Santos – “O recém-nascido em Sorano de Éfeso”. PIMENTEL, Maria Cristina; ALBERTO, Paulo Farmhouse (eds.) – *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2013, 187-194.
- QUEIROGA, Francisco R.; DINIS, António P. (2008-09) – “O Balneário Castrejo do Castro das Eiras”. *Portugalia*, Nova Série, vol. 29-30. Porto: FLUP, pp. 139-152.
- RÍOS GONZÁLEZ, Sergio – “Un nuevo espejismo historiográfico: el termalismo castreño preromano”. *Nailos: Estudios Interdisciplinares de Arqueología*, 4 (2017), 87-127.
- _____. – “Consideraciones funcionales y tipológicas en torno a los baños castreños del NO de la Península Ibérica”. *Gallaecia*, 19 (2000), 93-124.
- SARMENTO, Francisco Martins – *Dispersos: coletânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pre-histórica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1933.

SEMPER, Gottfried – *Style in the Technical and Tectonic Arts or Practical Aesthetics*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2004.

_____ – *The Four Elements of Architecture and Other Writings*. Cambridge: CUP, 1989.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – *Pedra formosa: arqueologia experimental. Vila Nova de Famalicão*. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Museu Nacional de Arqueologia, 2007.

_____ – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.

_____ – “A cultura castreja no Noroeste de Portugal: habitat e cronologias”. *Portugalia*, Nova Série, 3-4 (1983-1984), 121-129.

_____ – *Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1983.

SILVA, Joaquim Narciso Possidónio da – “Escultura Romana Conhecida pelo nome de Pedra Formosa, achada em Portugal, e o que ella representa” [1874]. Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes – *Boletim Architectonico e de*

Archeologia, 9 (1876), 136-138; Est. 14, Cesario Augusto Pinto copiou do natural (17.03.1872).

SILVA, Maria de Fátima Matos da – “Decoração e simbolismo das pedras formosas dos balneários-sauna castrejos da Idade do Ferro: leituras possíveis”. *Vínculos de Historia*, 8 (2019), 191-215. doi.org/10.18239/vdh_2019.08.10

SORANO; TEMKIN, Owsei (trad.) *Soranus' Gynecology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1956.

SOUSA, Eudoro – *Horizonte e complementaridade. Sempre o mesmo acerca do mesmo*. Lisboa: IN-CM, 2002.

TRANOY, Alain – *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*. Paris: Diffusion de Boccard, 1981.

VASCONCELOS, J. Leite de – *Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897-1913.

_____ – “Estela sepulcral arcaica do Alto-Minho”. *O Archeologo Português*, XII (9-12) (1907), 275-281.